

Existencialismo Metafísico

As Questões Existenciais

Por que a gente nasce, cresce e “morre”? Em outras palavras: de onde eu vim, o que sou, para onde vou? Ou como quer o mineiro: Diôn keu vim? Quequeu tô fazeno aki? Praôn queu vô?

O homem, em alguma fase de sua existência, faz estas perguntas. Elas são denominadas questões existenciais por referir à vida e a sua existência. Há milênios religiosos, filósofos, poetas e cientistas tentam responder estes enigmas da existência. No entanto, ainda não há uma boa resposta.

Tais questões, inicialmente, aparentam infantilidade: ora, eu vim do meu pai e da minha mãe, estou aqui para viver e vou para o cemitério! Mas não, elas são perguntas filosóficas e nunca foram respondidas de modo que satisfizesse a todos.

Os mitos foram os primeiros a responder tais questionamentos. As religiões adotaram os mitos e passaram a dizer que viemos de um Criador, de um mundo metafísico.

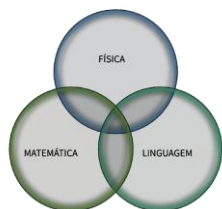
Em regra, eles buscavam explicar o mundo físico através do mundo metafísico. O mundo físico era constituído de homens e o mundo metafísico era constituído de deuses que interferiam diretamente no mundo físico. Mitos de todos os povos e culturas, do passado e do presente, sempre têm o mesmo conteúdo e forma narrativa. Apenas mudam os personagens e o endereço. A temática é a mesma: a criação dos deuses, do mundo, do homem e a relação entre homens e deuses.

Os filósofos foram os primeiros a questionar estes mitos. Como havia muitas explicações míticas para o mesmo tema, pensadores passaram a desconfiar dos mitos. Os filósofos procuravam explicações naturais para o mundo. Este era chamado de cosmo e tinha sentido de ordem e racionalidade. Por isto adicionaram o termo logos ao cosmo, resultou em cosmologia: o conhecimento racional do mundo. O mito perde espaço para a razão.

Na Renascença, foi a vez de astrônomos desconfiarem da religiões, principalmente do biblismo. Copérnico, Galileu e Kepler advogavam o heliocentrismo, diferentemente da igreja que pregava o geocentrismo por causa de um episódio bíblico. Galileu teve de desdizer o que disse sob pena da fogueira santa. Para a igreja, a Terra só passou a girar em torno Sol em 1992, quando o papa João Paulo II asseverou que Galileu estava certo. A Terra não é mais o centro do universo.

Estudos da biologia também contrariaram a mitologia hebraica. Darwin afirmou que o homem tem o macaco como antepassado, em razão do evolucionismo. Ao contrário, a igreja pregava a criação imediata e especial do homem. Este já não é tão especial assim. Depois a antropologia passou a relacionar as mitologias a sentimentos como o medo.

Depois das grandes guerras, houve uma filosofia voltada para o homem, mas não ajudou o pensamento humano. O existencialismo ateu pregava um mundo sem deus e sem sentido.



Existencialismo Metafísico

Outras ciências contrariaram as religiões, mas, ainda assim, a ciência e a filosofia não responderam o que somos.

Todas religiões pregam uma vida póstuma, uma vida metafísica. Continuarei a ser “eu” mesmo depois da morte? Para onde vou depois de “morto”? Para o céu? Para o inferno?

Tais questões metafísicas não fazem sentido para a ciência, pois ela nega o mundo metafísico. Assim uma resposta da química para a vida poderia ser assim: somos a reunião de cerca 55% de água, 23% de carbono, 2,6% de nitrogênio, 1,4% de cálcio e 0,8% de outros elementos. A biologia poderia responder assim: somos 10 trilhões de células e mais outros 100 trilhões de seres estranhos a nós (bactérias, vírus). A física poderia dizer: somos compostos de partículas atômicas e de um grande vazio, pois a eletrosfera do átomo é cerca 100.000 vezes maior que seu núcleo. A neurologia diria: somos sinais elétricos emitidos pelos 5 sentidos.

Modernamente foi a vez da astrofísica arriscar uma explicação existencial. Antes do *Big Bang* não existia matéria, tempo e espaço. Apenas o Nada. Para física não existe um Criador. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada existencial. A santíssima trindade é o Espaço, o Tempo e a Matéria.

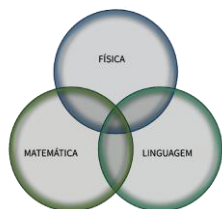
Em uma vertente conhecida como universo accidental, o universo é um acidente, a vida é um acidente e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. Existimos em um cosmo despropositado, fruto de forças brutas e somos um evento raro e não um ato premeditado.

Porém se estamos ou não vivendo uma grande realidade virtual é uma pergunta a qual a ciência não pode dar um boa resposta. É possível que esta realidade seja uma grande ilusão. Na verdade esta é uma questão filosófica clássica. A Matrix, inversamente, é aqui. O universo menos palpável não nos é estranho. Com a linguagem podemos nos referir a fatos, objetos ausente, passados, futuros, hipotéticos e mesmo abstratos. Numa palavra podemos criar mentalmente antes realizamos materialmente.

Quando falamos, estamos criando em nossa mente uma outra realidade, uma realidade paralela ou metafísica, e ao mesmo tempo longe da real. Todos percebem o mundo biologicamente da mesma maneira. Entretanto cada indivíduo tem um sistema particular de valores. O mundo que acreditamos viver é um simulacro do real que passa pelo filtro ideológico. Esse mundo que existe na mente do homem (universo paralelo ou metafísico), criado pela linguagem, chamamos de visão do mundo. Já dizia o filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein: os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. Deste ângulo, somos o que pensamos.

Vida, para a ciência, é mais fácil identificar do que definir. Não existe uma definição de vida universalmente aceita pelos cientistas. Há apenas algumas características comuns a toda vida, como reprodução, sobrevivência. As ciências físicas e biológicas, neste sentido, não ajudam a resolver as questões existências e, pior, acabam atrapalhando o pensamento.

Cientistas gostam de ver a vida como reações químicas. A biologia seria uma química viva. Mas eles não sabem como é esta passagem da química para a biologia. A vida estaria relacionada com eletricidade. Átomos e moléculas interagem eletricamente entre si. Forças químicas e físicas seriam responsáveis pela vida. Esta é uma perspectiva científica e mecanicista da vida.



Existencialismo Metafísico

Outro imbróglio científico é a consciência? A ciência também não tem uma boa resposta para o que seja a consciência e a reduz ao materialismo. Para a biologia, ela pode ser considerada um posto de comando, localizado no cérebro, onde recebe informações (sinais elétricos) do sistema nervoso. Outros estudiosos reduzirão a mente à base neurobiológica, outros uma base cognitiva, outros ao pensamento.

Consciência, em bases científicas, sempre é reduzida a máquina, uma espécie de computador. O hardware seria o corpo, o software a consciência, o processador o cérebro, a memória RAM a memória de curto prazo, a memória ROM, de longo prazo, e com várias linguagens computacionais, HTML, JAVA, PHP, entre outras. O cinema pegou carona na onda científica, deu “consciência” às máquinas e um sem fim cinematográfico: *Robocop*, *O Exterminador do Futuro*, *O Homem bicentenário*, *Blade Runner*, *Chapie*, *Eu Robô*, entre outros.

A ciência nunca terá uma resposta definitiva para o que é a vida, quando ela começa e termina. Nunca responderão porque a matéria inorgânica se tornou orgânica, nunca responderão o que é a consciência, pois estas searas não pertence ao mundo físico e sim ao campo metafísico.

Realmente, em base física, todas as pessoas são iguais. Todas têm cérebro, coração, fígado, órgãos sexuais, dois braços, duas pernas, dois olhos. Excepcionalmente temos a ausência de alguns deles, ou a substituição por outro artificial. Sem a possibilidade de explicação da consciência em base física, o encargo sobra para a filosofia. Para o verdadeiro filósofo, a consciência envolve a identidade, o “eu”.

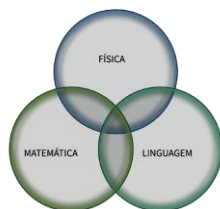
Mas depois se pergunta: onde está o “eu”. No cérebro, alguns dirão, mas especificamente na glândula pineal. Espiritualistas afirmam ser tal glândula o ponto de contato entre a alma e o corpo, assim com uma função transcendente. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está sempre ligada ao sono. Como advogaremos no capítulo 9, os sonhos também pertencem ao mundo metafísico.

Então temos uma função transcendente numa glândula cerebral. A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico do universo. A história é a execução de um plano oculto natural que conduz a um progresso moral e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como quer o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses.

Não somos água combinado com outros elementos. Não somos o conjunto de seres estranhos a nós mesmo. Não somos um vazio ou sinais elétricos. Somos um ser e gostamos de pensar em termos metafísicos, de consciência, alma, espírito. Somos seres espirituais superiores a matéria.

A origem única do universo convenceu as religiões, a ciência, filosofia e as artes. Tudo parece ter um começo, meio e fim. A vida registra o nascimento de todos os homens. Depois sua maioridade, casamento, divórcio. No fim, o falecimento biológico. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo. Nosso fim será a integração com o todo e não a morte, conforme explanaremos no capítulo 12.

A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. A essência dessa busca é a convicção de que tudo está interligado. Há uma teoria física que propõe uma unificação do mundo material: a *Teoria de Tudo*. Há outra teoria que se



Existencialismo Metafísico

prontificou a dar suporte a teoria final: a *Teoria das Supercordas*, tubos submicroscópicos de energia que vibram. Muitos cientistas defendem uma ordem por trás do aparente caos. A ordem oculta permeia tudo. Esta busca uniria a mente de Deus com uma teoria final.

Noutro giro, a política, a justiça e a economia vivem de crise em crise. Ajustes políticos, jurídicos e econômicos das sociedades não resultam em bem estar pleno da humanidade. O direito, a política e a economia não são soluções em si, mas soluções de pequena escala, como a redução dos índices de crimes, redução da pobreza ou o aumento de PIB. Elas trabalham superficialmente e não profundamente. Apesar de relevantes, qualquer delas não resolve de forma plena os problemas de justiça, consumo, organização social e, em análise última, as questões existenciais.

O capitalismo e o socialismo não nos trouxe a paz, mas a guerra. A religião não nos trouxe a paz, mas a guerra. A ciência e a tecnologia também nos trouxe a guerra tecnológica. Somente a solução das questões existenciais e sua sedimentação nos povos nos trará a paz.

A ciência e a religião duelam por respostas. A ciência apoiado no mundo físico e a religião, no mundo metafísico. Vivemos entre esta guerra ideológica do mundo físico e metafísico.

O mundo metafísico está em todas as culturas e povos. Assim ele é universal e não deve ser negado. Sem ele, não há respostas para as questões existenciais. As questões existenciais solucionarão a pacificação da humanidade. Sob esta ótica, o filósofo tem função social maior que de um político, juiz ou empresário.